

Agatha Christie e outros

A morte do almirante



POR DETERMINADOS SÓCIOS DO DETECTION CLUB

INTRODUÇÃO¹

Christianna Brand

A Srta. Dorothy L. Sayers — que Deus proteja aqueles que não se lembrarem desse “L” — estava acostumada a falar, em termos comedidos, sobre tudo que poderia ser dito a respeito de qualquer assunto.

Sobre o tema de *A Morte do almirante*, por essa razão, ela cobriu, em sua *Introdução*, tudo o que há para ser dito, descrevendo a concepção do livro, as condições sob as quais foi escrito, as regras extremamente alarmantes que governizaram o seu progresso (sei que escrevi “governizaram” quando pretendia escrever “governaram”, mas penso que, afinal de contas, podemos deixar passar esse escorregão que Freud explica) até o seu aparecimento final e triunfante nas livrarias. Talvez, porém, seja menos triunfante, quando soubermos que o agente utilizado, tendo negociado algo mais satisfatório — tenho quase certeza de que este foi o livro envolvido — mandou as regras normais às favas. Em justa homenagem, deve ser acrescentado que os membros do grupo, sob a caridosa insistência de Freeman Wills Croft, de honrada memória, tendo descoberto que a dama se encontrava em situação mais calamitosa do que o clube jamais poderia encontrar-se, votaram por maioria não tomar qualquer ação contra ela. Daí se conclui que a Srta. Sayers

¹ *The floating admiral*; tradução de Carlos Evaristo Marques da Costa; Rio: Editora Record.

não formava entre os anjos.

Mas, como eu estava dizendo, tão pouco me é deixado para tecer comentários sobre o livro propriamente, que talvez seja melhor que eu me limite a dizer aos leitores alguma coisa sobre o *Detection Club* e seus membros que colaboraram no empreendimento com o propósito de fazer dinheiro suficiente para se estabelecer por conta própria.

Em 1932 não era muito boa a reputação dos que escreviam sobre crimes. Muita porcaria estava sendo produzida, livros mal escritos e de conteúdo meramente sensacionalista eram a regra de conduta geral.

Entretanto, obras realmente boas foram escritas, até por autores que deixaram suas marcas em outros campos da literatura: G. K. Chesterton, A. E. W. Mason e Hugh Walpole foram nomes nacionais; Ronald Knox, padre católico, famoso nos círculos universitários, a quem mais tarde foi confiada a tarefa de passar a Bíblia para o inglês moderno; Dorothy L. Sayers, de inteligência brilhante e reconhecidamente cultivada — lembro-me de que ela me disse que durante a blitz passava todo o tempo disponível nos abrigos antiaéreos, aprendendo o italiano de Dante, para que lhe fosse possível traduzir a *Divina Comédia*, obra que ganhou merecidos aplausos.

Assim, não mais se sentindo satisfeitos em serem agrupados sob o título genérico de escritores de suspense, a nata desses autores resolveu reunir-se, por sua própria conta, como o *Detection Club* — a primeira dentre tais

associações no mundo, ao que suponho. A idéia básica era de que os membros do grupo deveriam preocupar-se com investigações de fato e, é claro, manter-se dentro de um elevado padrão de qualidade e escrever em estilo literário. Era, e ainda continua a ser, uma honra ser eleito para o clube. Com o alargamento do gênero, suas portas foram naturalmente obrigadas a se abrir mais do que até então, porém de forma alguma, não abrange ainda todas as formas de obras de suspense.

Alguns autores podem não estar incluídos somente por essa razão; é o conteúdo de seus trabalhos, mais do que qualquer falha em seus méritos, que os deixa de fora. A aceitação como sócio, segundo creio, pressupõe que o membro deve encontrar-se em algum lugar no topo da montanha da literatura sobre crimes.

Escritores ingleses, aí está. Nossa *Associação de Escritores Policiais* está aberta para todas as raças, cores e credos; o *Detection Club* se limita à prata da casa.

Com exceção da Srta. Gladys Mitchel, a quem devo muito de minhas informações e de quem me encontro embaraçadamente distanciada, sou o membro mais antigo do clube. Ela foi eleita em 1933, um ano após o clube ter sido fundado, e eu em 1946, na primeira reunião do pós-guerra, não havendo mais ninguém vivo até chegarmos a Michaels, Innes e Gilbert, em 1949. Assim, uma boa quantidade de detalhes se perdeu na neblina do tempo. Anthony Berkeley alegou, acredito que corretamente, ter sido ele quem teve a

idéia original; no entanto, percorrendo a lista, podemos presumir que entre os primeiros membros, além de Anthony Berkeley, emprestando suas luzes, estavam G. K. Chesterton, que foi o primeiro Presidente Honorário, E. C. Bentley, o segundo, e Dorothy L. Sayers, o terceiro. Agatha Christie foi a quarta, mas em dupla com Lorde Gorrel, conhecido entre os irreverentes como *Lorde Ovelha*. Agatha tinha tanto horror a falar em público que Gorrel foi convidado, em uma reunião a que ela não comparecera, a desempenhar-lhe o papel. O que significou, poderíamos muito bem perguntar, essas lamúrias em nossos ouvidos?

Significou que Lorde Ovelha teria, obstinadamente, se recusado a colaborar a não ser em termos de absoluta igualdade. Lembro-me bem da reunião e ainda guardo como um tesouro a carta que recebi no dia seguinte do adorado Cyril Hare (em suas outras roupagens um juiz da Corte do Condado e um cavalheiro muito espirituoso; a primeira vez em que o encontrei, perguntei: “Por favor, senhor, os pêlos são mesmo de Lebre [Hare-Lebre] ou o senhor usa peruca?”, ao que ele respondeu, sem hesitação: “Oh, uma peruca, uma peruca! Não é o meu verdadeiro nome.”) “Christianna”, escreveu ele após a reunião, “seu rosto, do outro lado da mesa, era como que um estudo; (por falar nisso, minha querida, será que o seu chapéu ficaria bem em uma outra dama?). Mas você teria acreditado que adultos poderiam portar-se de uma forma tão ridícula?” Fosse como fosse, Sua Excelência, o Lorde, ganhou o dia, e eles se tornaram

presidentes-conjuntos, sendo a única dificuldade remanescente o imaginar-se como — sendo ambos de proporções volumosas — poderiam eles caber na veste única apropriada para o cerimonial.

Essa peça era — e é — um flamante traje vermelho usado pelo Presidente Honorário na cerimônia de posse, parte da brincadeira imaginada como uma alegre e divertida traquinada por G. K. C., E. C. Bentley e outros animados membros, mas, subsequente, levada mortalmente a sério pela Srta. Sayers, que, ensaio após ensaio tediosos, insistia sobre a perfeição do ato de posse. O Presidente, depois do completo jantar anual, como orador e convidados, faz uma entrada, seguido por uma procissão de portadores de tochas e precedido por Erik, o Crânio, trazido em uma almofada de veludo vermelho, os olhos iluminados ou, quando tal não acontecesse, apagando-se as luzes quando o pessoal do restaurante, acionando o interruptor de luz, faz com que tudo mergulhe na escuridão. Digo isso com alguma amargura. Nos meus primeiros dias, eu era o mais jovem de todos os membros e sonhava, justificavelmente, assegura-me a bondosa Gladys Mitchell hoje, ser algo assim como uma encantadora garota, preparada para a ocasião. Ser-me-ia concedida uma participação destacada? Na verdade, não. Será que eu poderia portar uma tocha, sem dizer nada? Nem mesmo isso. “A Srta. Brand pode permanecer do lado de fora”, comandaria a Srta. Sayers com sua voz retumbante, “e apagar as luzes na ocasião apropriada. Os garçons nunca

fazem isso direito, eles são todos uns patetas.” Eu também nunca fiz isso direito. “A Srta. Brand é uma pateta”, diria ela, quando tudo já estava irremediavelmente estragado. Muito bem, OK. Mas não é para isso que ponho um vestido novo, ano após ano e pinto de azul minhas pestanas.

A Srta. Sayers, ela própria; não teria pintado de azul suas pestanas, as quais, de qualquer modo, estariam encobertas por antigo pince-nez sem aro, seguro por uma corrente de ouro que dava uma volta por trás de uma de suas orelhas; nem usaria, um vestido novo, confiando em seu *georgette* negro por baixo de uma túnica chinesa, de tempos imemoriais, pesadamente bordada de fios de ouro e de seda colorida. Lembro-me de que na própria noite de minha posse foi representada uma brincadeira, na qual um dos membros caía morto e todos nós éramos convidados a deduzir quem era o assassino. A Srta. Sayers, excelente para o palco, havia-se eleito a si mesma para o papel do assassinado e finalmente se despencou ruidosamente sobre o tapete do restaurante. Casualmente, o tapete era de um modelo azul ondulado e quase morri de rir à vista de uma imensa baleia chinesa envernizada, agitando-se nos baixios em seus estertores da morte. Mas a desgraça se abateria sobre quem quer que não levasse a sério tudo isso. Creio que nessa ocasião, como em muitas outras, fui algo assim como um espinho no tumor presidencial.

Desgraça, também, se abateria sobre quem quer que deixasse filtrar uma única palavra que fosse a respeito de

toda essa tolice para a imprensa, “Nós não desejamos apresentar a nós mesmos como um espetáculo de raridades”, era um constante pronunciamento dela — estando nessas ocasiões, como já tive oportunidade de dizer, envolta em um exuberante vermelho, precedida por um crânio iluminado conduzido em uma almofada de veludo também vermelho e seguida por uma procissão de portadores de tochas que deixavam pingar cera derretida sobre mãos trêmulas empunhando os textos. De modo algum o silêncio era completo.

A formatura já fora modificada por diversas vezes, mas chego a pensar que deveríamos ter voltado ao punhado original de pensamentos idiotas produzidos por mentes brilhantes, cheios de brincadeiras alegres — das quais infelizmente, ela posteriormente retirou toda a graça. Tomando posição no tablado, à frente dos olhos surpresos dos convidados ainda sentados à mesa de jantar, o Presidente se via cercado pela companhia, muitos portando diferentes armas, que, por sua vez, se punham de joelhos, brandindo uma faca, uma arma de fogo ou um frasco de veneno, declarando “eu também sirvo...” Não me posso lembrar em que capacidade exatamente ou, na verdade, quais as palavras que se seguiam a essa curiosa declaração. Lembro-me disso — essa parte já foi de longa data abandonada — apenas porque um dos membros, de tendências decididamente tespianas, uma ocasião soltou um curioso uivo, gritando, “eu também silvo...”, depois do que, ano após ano, eu esperava

que isso se repetisse e, de meu vantajoso posto do lado de fora da porta, caía novamente na gargalhada.

Um juramento era então proferido e ainda o é. Nós nos púnhamos a repudiar uma série de crimes contra os escritores de romances policiais. Isto também foi alterado, mas muito de tudo ainda se aplica ao ofício. Devemos lembrar-nos de que, no início, estas coisas estavam apenas relacionadas com meras histórias de detetives, em oposição a outras formas literárias: as histórias de sensacionalismo, as de suspense, as de aventuras (John Buchan, por exemplo, não foi convidado a associar-se), todo o amplo espectro do gênero hoje em dia. “Vocês juram solenemente...?”, começa o juramento e nós solenemente juramos estar de acordo com o jogar limpo com os leitores, com o não esconder indício algum vital, seja para ele seja para o nosso próprio detetive, com o não empregar venenos desconhecidos pela ciência ou qualquer “mezinha” ou “chá” — o que terá sido, aposto, uma contribuição de Chesterton; com o nos limitarmos a uma passagem secreta apenas em homenagem do inglês da Rainha (naqueles dias deveria ter sido “do Rei”), e “Não haverá chineses”, esta última afirmativa cobrindo, suponho, magias obscuras do Oriente misterioso, meios, métodos e motivos não familiares aos leitores comuns; G. K. C. acreditava que as histórias de detetives eram melhores “quando permaneciam em casa”. Há várias outras declarações explícitas no juramento, mas, tendo eu jurado tão solenemente cumpri-las todas, tenho, não obstante, que

confessar que me esqueci completamente de sua maioria.

Apesar de tudo, o juramento era um bom juramento. Quanto ao resto, e mantenho esse ponto de vista em face de uma oposição menos frivolamente imaginosa, era tudo meio gozação, meio infantilidade, meio pilhéria; mas o juramento, ainda que de um humor de gozação, como todo o humor de gozação tinha espírito e realidade por trás e não era absolutamente infantilidade.

Tenho que me opor a qualquer sugestão segundo a qual tudo deva ser atirado no colo de Dorothy L. Sayers. Afinal de contas, ela já morreu há 20 anos, sendo encontrada morta no pé da escada de sua casa, cercada por gatos desolados; e deve ter havido mais uns 150 membros do clube. No entanto, Dorothy se preocupava enormemente com o clube, devotava-se a seus interesses e nos dirigiu durante todo o seu tempo como presidente, com um nem sempre benevolente punho de ferro. Sua influência perdura até hoje.

O clube, originalmente, situava-se no Soho, na Rua Gerard n° 31, duas peças escassamente mobiliadas com móveis em desuso nas casas de seus membros, e podendo ser utilizada uma pequena cozinha e uma saleta de jogos. De modo algum, mesmo então, a mais respeitável das vizinhanças (a Srta. Mitchell declara que, enquanto caminhavam pelas ruas estreitas cheias de lojinhas de estrangeiros — italianos, franceses, chineses — as mais formidáveis dentre os membros femininos formariam uma guarda de honra em torno dos cavalheiros, a fim de protegê-

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

